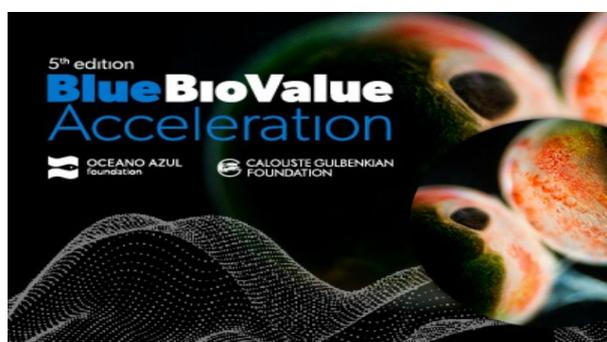


Blue Bio Value: O Acelerador que quer transformar ideias e projetos de investigação em negócios reais

29 de Outubro, 2020

*Lançado em 2018 pela **Fundação Oceano Azul** e pela **Fundação Calouste Gulbenkian**, o **Blue Bio Value** é um programa de aceleração para empresas na área da **bioeconomia marinha**. Dirigido a startups nacionais e internacionais que desenvolvem produtos ou serviços que recorrem à biotecnologia azul e aos recursos marinhos, o programa vai já na sua terceira edição. Esta quinta-feira, realiza-se, em formato digital, o pitch final, onde 14 startups de oito nacionalidades vão ter a oportunidade de apresentar os seus projetos.*



Em entrevista à Ambiente Magazine, **Ana Brazão, gestora de projetos na Fundação Oceano Azul**, refere que um dos objetivos de ambas as instituições passa por “contribuir para que Portugal se torne num pólo europeu relevante e inovador” no “desenvolvimento da mais moderna bioeconomia marinha”. Além disso, acresce o facto da “bioeconomia azul” ser vista pelas coorganizadoras como “crucial” na “resposta” a “alguns dos maiores desafios que o mundo enfrenta”. E uma das mensagens que se pretende transmitir passa pela necessidade da existência de um novo modelo económico: “Um modelo capaz de, por um lado, separar a curva do crescimento económico da curva da degradação de recursos naturais e, por outro, tornar soluções que sejam menos nocivas para o ambiente e economicamente viáveis e acessíveis”. Para a responsável, a bioeconomia azul é essencial nesse sentido: “Promove simultaneamente a conservação do oceano e a geração de riqueza assente em soluções sustentáveis a partir da utilização de biorecursos marinhos”.

O programa centra-se assim no “desenvolvimento” e “apoio de novos serviços e produtos” que constituam “alternativas sustentáveis” e “soluções inovadoras” para os principais desafios mundiais. Além disso, contribui para a promoção de Portugal neste setor, no sentido de “reter” e “atrair talento e conhecimento”. E neste processo, o Blue Bio Value é uma peça-chave: “Fornece ferramentas para novos projetos e promove o investimento, apoiando o crescimento de novas ideias na área da biotecnologia azul”, sublinha a gestora. Ao Acelerador, podem concorrer “todos os projetos inovadores nacionais ou internacionais” que representem uma “oportunidade de negócio” na área da bioeconomia e da “biotecnologia azul: “Pretendemos atrair startups,

pequenas e médias empresas ou projetos de investigação que já estejam em fase de produção de protótipo ou de lançamento”, refere.

[blockquote style="2"] Criar condições para que os negócios cresçam e se fixem em Portugal [/blockquote]



Edição 2019

Questionada sobre as vantagens que o programa pode trazer às startups, Ana Brazão destaca, desde logo, que o Blue Bio Value oferece uma “saída ou continuação” a “projetos de investigação e inovação” que, na maioria dos casos, “acabavam nos arquivos das universidades e centros de investigação ou, na melhor das hipóteses, num artigo científico”. Assim, este Acelerador permite que os “projetos” e “empresas” selecionadas “validem a tecnologia” que têm vindo a desenvolver, “adquiram competências de gestão” e “criem bases para o desenvolvimento de novos negócios, sustentável e economicamente viáveis, para que possam competir num mercado global”. Outra vantagem que este programa tem é o facto de criar condições para que os negócios “cresçam” e se “fixem” em Portugal. Isto é possível através do “acesso a uma rede única” de “mentores, nacionais e internacionais”, de “parceiros especialistas de várias indústrias” e de “potenciais clientes e investidores”. No final do programa, as startups vencedoras habilitam-se a “receber um prémio que pode chegar aos 45 mil euros”, valor esse que irá apoiar o “desenvolvimento dos seus projetos”, que poderão “utilizar na plataforma de serviços e infraestruturas nacionais: Blue Demo Network”.

[blockquote style="2"] Mais de 120 candidaturas de projetos oriundos de mais de 30 países [/blockquote]

Ao longo destas três edições, o Programa Blue Bio Value recebeu e acelerou 42 empresas de 15 nacionalidades, de três continentes. Para a gestora, isso é determinante, no sentido em que estas startups “adquiriram competências de gestão de negócios”, “lançaram-se ao mercado”, “angariaram capital” e “ganharam motivação para continuar a investir”. Além disso, em dois anos, seis vencedoras investiram em Portugal mais de 90 mil euros” e “duas empresas estabeleceram a sua operação” no país. Nesta terceira edição, o programa recebeu o maior número de candidaturas de sempre: “Mais de 120 candidaturas de projetos oriundos de mais de 30 países”. Tudo isto leva Ana Brazão a afirmar que: “O balanço não podia ser mais positivo e motivador”.

Quanto ao futuro, esse é muito ambicioso. Além de continuarem com a componente da aceleração, a gestora destaca um outro foco: “Pretendemos fazer uma grande aposta na transformação de ideias e projetos de investigação em negócios reais, em produtos e serviços concretos”. A esta fase, a responsável chama de Ideação: “Pretendemos fazê-lo com as universidades e centros de investigação portugueses, incluindo as escolas de economia e gestão”. Este é um trabalho que já está em marcha: “Desenvolvemos, este ano, um projecto piloto com a Universidade de Aveiro e foi um enorme sucesso”, refere.



Participantes 1ª edição do

Programa de Aceleração Blue Bio
Value; Foto de Pedro Pina

Já sobre os desafios e oportunidades que, atualmente, as startups enfrentam, Ana Brazão considera que, nesta área, são semelhantes a qualquer outra empresa: “Passa por encontrar um modelo que seja economicamente viável, encontrar clientes que estejam na disposição de gastar dinheiro com o seu produto ou serviço, chegar a esses clientes ou ser competitivos”. Além disso, estas empresas têm ainda uma motivação adicional, quando comparadas com outras: “Ao alcançarem sucesso, significa que estão a substituir uma solução menos sustentável e quanto mais estas empresas venderem, mais estão a contribuir para a sustentabilidade do nosso planeta”.

[blockquote style="2"] Portugal com grande potencial na bioeconomia azul [/blockquote]

Já sobre a importância da bioeconomia azul no atual modelo económico, a gestora dá conta de que se trata de um setor com cada vez mais relevância na economia nacional: “Em 2016, contribuiu com 3% e, em 2019, o número subiu para 4%”. Além do “crescimento do peso económico do setor”, a responsável destaca, igualmente, o “peso que o setor tem vindo a ganhar, e que irá aumentar”, uma vez que a bioeconomia azul é “transversal a várias áreas que carecem de soluções mais sustentáveis”.

E Portugal está num bom caminho no que diz respeito à bioeconomia azul? Para Ana Brazão, o país tem um grande potencial e que se resume em 3C’s: “Conhecimento na área, com mais de 50 centros de investigação no campo das ciências marinhas”; “Capacidade humana e de recursos, já que existe talento e matéria-prima; e Cooperante, com parceiras coesas ao nível da UE e noutras latitudes, assim como vontade política demonstrada pelas estratégias nacionais”. Posto isto, é crucial “assegurar” que tal potencial possa “continuar a ser concretizado”, focando nos “fatores de atratividade que permitam captar e manter talento e ideias inovadoras em Portugal”.

[blockquote style="2"] Urgência em desenvolvermos um novo modelo económico mais responsável [/blockquote]

Já sobre a Covid-19, Ana Brazão não tem dúvidas de que a pandemia “testou qualquer organização ao limite”, desde a “resiliência” à “gestão de incerteza” ou à “capacidade de adaptação” e “transformação dos desafios em oportunidades”. Simultaneamente, a pandemia “acelerou processos e transformações inevitáveis”, sendo mais evidente no setor da “digitalização” e da “bioeconomia”, relacionado com a “saúde e farmacologia”. No entanto, a necessidade de respostas sanitárias rápidas significou uma “alteração de estilo de vida involuntária” que, “acompanhada de uma crise económica”, pode “não representar uma alteração de comportamentos, consumos e produção duradoura, sustenta. E a mudança de paradigma já estava a acontecer e continuará, com ou sem pandemia: “Os consumidores ganham consciência e procuram alternativas e porque quaisquer soluções insustentáveis constituem cada vez mais um risco para investidores”.

E na área da bioeconomia, a pandemia forçou à reflexão sobre a “sociedade que somos e a que queremos ser”. Esta crise sanitária sem precedentes mostrou, acima de tudo que, enquanto espécie, “devemos deixar de acreditar que detemos pleno controlo de tudo o que nos possa afetar e de que somos superiores à natureza”, sustenta. E uma das lições que devem ser tiradas é a “urgência em desenvolvermos um novo modelo económico mais responsável”, que assegure um “crescimento com impacto positivo na sustentabilidade ambiental e do oceano”. E, neste contexto, Ana Brazão diz que é cada vez mais evidente o “enorme potencial da biotecnologia marinha para fornecer soluções aos mais variados setores e responder a necessidades de consumo à escala mundial”.